

DOMINGO II DO ADVENTO

CIC 522, 711-716, 722: os profetas e a espera do Messias

522 A vinda do Filho de Deus à terra é um acontecimento tão grandioso, que Deus quis prepará-lo durante séculos. Ritos e sacrifícios, figuras e símbolos da «primeira Aliança»¹, tudo Deus faz convergir para Cristo. Anuncia-O pela boca dos profetas que se sucedem em Israel. E, por outro lado, desperta no coração dos pagãos a obscura expectativa desta vinda.

711 «Eis que vou fazer algo de novo» (*Is* 43, 19): duas linhas proféticas vão ser traçadas, incidindo uma sobre a expectativa do Messias e outra sobre o anúncio dum Espírito novo, convergindo ambas no pequeno «resto», o povo dos pobres², que aguarda na esperança a «consolação de Israel» e «a libertação de Jerusalém» (*Lc* 2, 25.38).

Vimos mais atrás como Jesus cumpriu as profecias que Lhe diziam respeito. Limitamo-nos agora àquelas em que aparece mais clara a relação entre o Messias e o seu Espírito.

712 Os traços do rosto do *Messias* esperado começam a aparecer no Livro do Emanuel³ («quando Isaías teve a visão da glória» de Cristo: *Jo* 12, 41), particularmente em *Is* 11, 1-2:

«Naquele dia,
sairá um ramo do tronco de Jessé
e um rebento brotará das suas raízes.
Sobre ele repousará o Espírito do Senhor:
espírito de sabedoria e de entendimento,
espírito de conselho e de fortaleza,
espírito de conhecimento e de temor do Senhor».

713 Os traços do Messias são revelados sobretudo nos cânticos do Servo⁴. Estes cânticos anunciam o sentido da paixão de Jesus, indicando assim a maneira como Ele derramará o Espírito Santo para dar vida à multidão: não a partir do exterior, mas assumindo a nossa «condição de servo» (*Fl* 2, 7). Tomando sobre Si a nossa morte, Ele pode comunicar-nos o seu próprio Espírito de vida.

714 É por isso que Cristo inaugura o anúncio da Boa-Nova, apropriando-Se desse passo de Isaías (*Lc* 4, 18-19)⁵:

¹ Cf. *Heb* 9, 15.

² Cf. *Sf* 2, 3.

³ Cf. *Is* 6-12

⁴ Cf. *Is* 42, 1-9; *Mt* 12, 18-21; *Jo* 1, 32-34; e também *Is* 49, 1-6; *Mt* 3, 17; *Lc* 2, 32; e, por fim, *Is* 50, 4-10 e 52, 13-53, 12.

⁵ Cf. *Is* 61, 1-2.

«O Espírito do Senhor Deus está sobre Mim,
porque o Senhor Me ungiu.
Enviou-Me a anunciar a Boa-Nova aos que sofrem,
para curar os desesperados,
para anunciar a libertação aos exilados
e a liberdade aos prisioneiros,
para proclamar o ano da graça do Senhor».

- 715** Os textos proféticos, respeitantes directamente ao envio do Espírito Santo, são oráculos em que Deus fala ao coração do seu povo na linguagem da promessa, com os acentos do «amor e da fidelidade»⁶, cujo cumprimento São Pedro proclamará na manhã do Pentecostes⁷. Segundo estas promessas, nos «últimos tempos» o Espírito do Senhor há-de renovar o coração dos homens, gravando neles uma lei nova; reunirá e reconciliará os povos dispersos e divididos; transformará a primeira criação e Deus habitará nela com os homens, na paz.
- 716** O povo dos «pobres»⁸, dos humildes e dos mansos, totalmente entregues aos desígnios misteriosos do seu Deus, o povo dos que esperam a justiça, não dos homens mas do Messias, tal é, afinal, a grande obra da missão oculta do Espírito Santo, durante o tempo das promessas, para preparar a vinda de Cristo. É a qualidade do seu coração, purificado e iluminado pelo Espírito, que se exprime nos salmos. Nestes pobres, o Espírito prepara para o Senhor «um povo bem disposto»⁹.
- 722** O Espírito Santo *preparou* Maria pela sua graça. Convinha que fosse «cheia de graça» a Mãe d'Aquele em Quem «habita corporalmente a plenitude da divindade» (Cl 2, 9). Ela foi, por pura graça, concebida sem pecado, como a mais humilde das criaturas, a mais capaz de acolher o dom inefável do Onnipotente. É a justo título que o anjo Gabriel a saúda como «Filha de Sião»: «Ave» (= «Alegra-te») ¹⁰. É a acção de graças de todo o povo de Deus, e portanto da Igreja, que ela faz subir até ao Pai, no Espírito Santo, com o seu cântico¹¹, quando já portadora, em si, do Filho eterno.

CIC 523, 717-720: a missão de João Baptista

- 523** *São João Baptista* é o precursor imediato do Senhor¹², enviado para Lhe preparar o caminho¹³. «Profeta do Altíssimo» (Lc 1, 76), supera todos os profetas¹⁴, é o último deles¹⁵, inaugura o Evangelho¹⁶; saúda a vinda de Cristo desde o seio

⁶ Cf. Ez 11, 19; 36, 25-28; 37, 1-14; Jr 31, 31-34; Jl 3, 1-5.

⁷ Cf. Act 2, 17-21.

⁸ Cf. Sf 2, 3; Sl 22, 27; 34, 3; Is 49, 13; 61, 1; etc.

⁹ Cf. Lc 1, 17.

¹⁰ Cf. Sf 3, 14; Zc 2, 14.

¹¹ Cf. Lc 1, 46-55.

¹² Cf. Act 13, 24.

¹³ Cf. Mt 3, 3.

¹⁴ Cf. Lc 7, 26.

¹⁵ Cf. Mt 11, 13.

¹⁶ Cf. Act 1, 22; Lc 16, 16.

da sua Mãe¹⁷ e põe a sua alegria em ser «o amigo do esposo» (*Jo* 3, 29) que ele designa como «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (*Jo* 1, 29). Precedendo Jesus «com o espírito e o poder de Elias» (*Lc* 1, 17), dá testemunho d'Ele pela sua pregação, pelo seu baptismo de conversão e, finalmente, pelo seu martírio¹⁸.

- 717** «Apareceu um homem, enviado por Deus, que tinha o nome de João» (*Jo* 1, 6). João é «cheio do Espírito Santo já desde o seio materno» (*Lc* 1, 15)¹⁹, pelo próprio Cristo que a Virgem acabava de conceber por obra e graça do Espírito Santo. A «visitação» de Maria a Isabel tornou-se, assim, «visita de Deus ao seu povo»²⁰.
- 718** João é «Elias que devia vir»²¹. O fogo do Espírito habita nele e fá-lo «correr à frente» (como «precursor») do Senhor que chega. Em João o Precursor, o Espírito Santo acaba de «preparar para o Senhor um povo bem disposto» (*Lc* 1, 17).
- 719** João é «mais do que um profeta»²². Nele, o Espírito Santo consuma o «falar pelos profetas». João termina o ciclo dos profetas inaugurado por Elias²³. Anuncia como iminente a consolação de Israel; é ele a «voz» do Consolador que vai chegar²⁴. Tal como fará o Espírito da verdade, «ele vem como testemunha, para dar testemunho da Luz» (*Jo* 1, 7)²⁵. A respeito de João, o Espírito cumpre assim as «indagações dos profetas» e o «desejo» dos anjos²⁶: «Aquele sobre Quem vires o Espírito Santo descer e permanecer, é Ele que baptiza no Espírito Santo. Ora, eu vi e dou testemunho de que Ele é o Filho de Deus[...] Eis o Cordeiro de Deus!» (*Jo* 1, 33-36).
- 720** Finalmente, com João Baptista, o Espírito Santo inaugura, em prefiguração, aquilo que vai realizar com e em Cristo: restituir ao homem «a semelhança» divina. O baptismo de João era para o arrependimento; o Baptismo na água e no Espírito será um novo nascimento²⁷.

CIC 1042-1050: os novos céus e a nova terra

1042 No fim dos tempos, o Reino de Deus chegará à sua plenitude. Depois do Juízo final, os justos reinarão para sempre com Cristo, glorificados em corpo e alma, e o próprio universo será renovado:

Então a Igreja alcançará «na glória celeste, a sua realização acabada, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas e, quando, juntamente com o género humano, também

¹⁷ Cf. *Lc* 1, 41.

¹⁸ Cf. *Mc* 6, 17-29.

¹⁹ Cf. *Lc* 1, 41.

²⁰ Cf. *Lc* 1, 68.

²¹ Cf. *Mt* 17, 10-13.

²² Cf. *Lc* 7, 26.

²³ Cf. *Mt* 11, 13-14.

²⁴ Cf. *Jo* 1, 23; *Is* 40, 1-3.

²⁵ Cf. *Jo* 15, 26; 5, 33.

²⁶ Cf. *1 Pe* 1, 10-12.

²⁷ Cf. *Jo* 3, 5.

o universo inteiro, que ao homem está intimamente ligado e por ele atinge o seu fim, for perfeitamente restaurado em Cristo»²⁸.

1043 A esta misteriosa renovação, que há-de transformar a humanidade e o mundo, a Sagrada Escritura chama «os novos céus e a nova terra» (2 Pe 3, 13)²⁹. Será a realização definitiva do desígnio divino de «reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas que há nos céus e na terra» (Ef 1, 10).

1044 Neste «mundo novo»³⁰, a Jerusalém celeste, Deus terá a sua morada entre os homens. «Há-de enxugar-lhes dos olhos todas as lágrimas; a morte deixará de existir, e não mais haverá luto, nem clamor, nem fadiga. Porque o que havia anteriormente desapareceu» (Ap 21, 4)³¹.

1045 *Para o homem*, esta consumação será a realização final da unidade do género humano, querida por Deus desde a criação e da qual a Igreja peregrina era «como que o sacramento»³². Os que estiverem unidos a Cristo formarão a comunidade dos resgatados, a «Cidade santa de Deus» (Ap 21, 2), a «Esposa do Cordeiro» (Ap 21, 9). Esta não mais será atingida pelo pecado, pelas manchas³³, pelo amor próprio, que destroem e ferem a comunidade terrena dos homens. A visão beatífica, em que Deus Se manifestará aos eleitos de modo inesgotável, será a fonte inexaurível da felicidade, da paz e da mútua comunhão.

1046 *Quanto ao cosmos*, a Revelação afirma a profunda comunidade de destino entre o mundo material e o homem:

«Na verdade, as criaturas esperam ansiosamente a revelação dos filhos de Deus [...] com a esperança de que as mesmas criaturas sejam também libertadas da corrupção que escraviza [...]. Sabemos que toda a criatura geme ainda agora e sofre as dores da maternidade. E não só ela, mas também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adopção filial e a libertação do nosso corpo» (Rm 8, 19-23).

1047 Assim, pois, também o universo visível está, destinado a ser transformado, «a fim de que o próprio mundo, restaurado no seu estado primitivo, esteja sem mais nenhum obstáculo ao serviço dos justos»³⁴, participando na sua glorificação em Jesus Cristo ressuscitado.

1048 «Ignoramos o tempo em que a terra e a humanidade atingirão a sua plenitude, e também não sabemos como é que o universo será transformado. Porque a figura deste mundo, deformada pelo pecado, passa certamente, mas Deus ensina-nos que se prepara uma nova habitação e uma nova terra, na qual reinará a justiça e cuja felicidade satisfará e superará todos os desejos de paz que se levantam no coração dos homens»³⁵.

²⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

²⁹ Cf. Ap 21, 1.

³⁰ Cf. Ap 21, 5.

³¹ Cf. Ap 21, 27.

³² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 1: AAS 57 (1965) 5.

³³ Cf. Ap 21, 27.

³⁴ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus Haereses* 5, 32, 1: SC 153, 398 (PG 7, 1210).

³⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1056-1057.

1049 «A expectativa da nova terra não deve, porém, enfraquecer, mas antes activar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra onde cresce o corpo da nova família humana, que já consegue apresentar uma certa prefiguração do mundo futuro. Por conseguinte, embora o progresso terreno se deva cuidadosamente distinguir do crescimento do Reino de Cristo, todavia, na medida em que pode contribuir para a melhor organização da sociedade humana, interessa muito ao Reino de Deus»³⁶.

1050 «Pois todos os bens da dignidade humana, da comunhão fraterna e da liberdade, ou seja, todos os frutos excelentes da natureza e do nosso esforço, depois de os termos propagado pela terra, no Espírito do Senhor e segundo o seu mandato, voltaremos de novo a encontrá-los, mas então purificados de qualquer mancha, iluminados e transfigurados, quando Cristo entregar ao Pai o Reino eterno e universal»³⁷. Então, Deus será «tudo em todos» (1 Cor 15, 28), na *vida eterna*:

«A vida subsistente e verdadeira é o Pai que, pelo Filho e no Espírito Santo, derrama sobre todos sem excepção os dons celestes. Graças à sua misericórdia, também nós, homens, recebemos a promessa indefectível da vida eterna»³⁸.

³⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1057.

³⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 39: AAS 58 (1966) 1057; cf. Id, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 2: AAS 57 (1965) 5-6.

³⁸ SÃO CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses illuminandorum* 18, 29: *Opera*, v. 2, ed. J. RUPP (Monaci 1870) p. 332 (PG 33, 1049).